



Avaliando memórias literárias

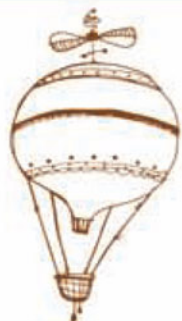
Ana Maria Costa de Araújo Lima

Para começo de conversa, é oportuno insistir no fato de que a tarefa de **avaliar** um texto deve ser compreendida como bastante diferente da tarefa de **corrigir** um texto. No contexto da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, o longo caminho que percorrem os textos elaborados pelos estudantes – desde a primeira versão, nas oficinas, até a seleção final para a premiação, em âmbito nacional – deve ser acompanhado por um intenso e dinâmico trabalho de avaliação (não de correção), em diferentes níveis e por diferentes sujeitos.

Essa tarefa de avaliar um texto, seja ele de que gênero for, é das mais complexas. No caso específico das memórias literárias, essa complexidade se acentua pelo fato de esse gênero não circular com muita frequência em nosso cotidiano e, por isso, nem sempre estarmos muito familiarizados com suas peculiaridades. É imprescindível, no entanto, que o olhar do avaliador esteja muito atento às condições de produção e às características funcionais e formais desse gênero.

Com o propósito de contribuir para que o trabalho avaliativo seja mais enriquecedor, gostaria de convidá-lo(a) a avaliar um texto, acreditando que as observações feitas a partir dele podem lançar luz sobre o processo de avaliação textual como um todo, mas mais especificamente sobre esse processo focado em um texto do gênero memórias literárias.

O texto selecionado é o seguinte:



Ana Maria Costa de Araújo Lima é professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFP), membro da rede de ancoragem da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

O voo nas asas coloridas da infância

Aluno-autor: E. C. R.

- (1) Quando criança, sentado à beira do fogão à lenha, adorava a cena de meu avô, de cuia na mão e palheiro na boca, sempre a passear e contar histórias. Aliás, isso era hábito em minha família e ele muitas vezes dizia que seu pai, meu bisavô, eram bons contadores de histórias e ele, assim como eu, havia herdado esse dom.
- (2) Enquanto meus olhos iluminavam-se pelas histórias de meu avô e pelas chispas de fogo que saíam por alguns pequenos buracos do fogão, minha vó e minha mãe passavam os dias preparando deliciosos quitutes e inundavam o ambiente com cheiros inebriantes dos condimentos, ervas e temperos que emanavam dos alimentos que elas preparavam para o desjejum, para o almoço, para o café da tarde e, por fim, para a janta.
- (3) As delícias, por elas preparadas, têm o nostálgico sabor da minha infância. Eu adorava tudo o que elas faziam: as roscas, o mumu – como elas chamavam o doce de leite – o cuscuz, o pão batido, para diferenciar do pão sovado; tudo o que aquelas delicadas mãos tocavam transformava-se em algo mágico e especial para mim.
- (4) Lembro-me de uma tarde de inverno, em que o minuano soprava lá fora e fazia um bailado nas copas das árvores, quando no aconchego da casa de meus avós fizemos uma sapecada de pinhão. Um dos filhos de seu José, vizinho nosso, meu amigo de brincadeiras e travessuras, exagerou na comilança, passou mal e teve uma “desrefeição”.
- (5) Muitas são as lembranças do tempo pacato e feliz da infância. Eu ia quase todos os domingos ao (...) ver aquelas pessoas saltando de asa-delta. Meu pai e meu avô ficavam proseando, tomando o chimarrão e olhando tudo aquilo, era lindo ver aquelas asas-deltas enfeitando o céu com seu colorido. Minha mãe e minha avó ficavam em casa para fazer o almoço e também porque de domingo a domingo o leiteiro passava e deixava, pela manhã, o leite fresco em frente da nossa casa, bem no cantinho do portão, embaixo de uma roseira. Às vezes em que eu não ia passear no morro, do meu quarto sentia o cheiro de leite quente vindo da leiteira que fervia em cima do fogão à lenha.
- (6) Eu, meu pai e meu avô, quando nos aproximávamos do portão de casa éramos envolvidos pelo aroma da comida preparada carinhosamente pela minha mãe e minha avó, que saía, pelas janelas e atiçava ainda mais nosso apetite.
- (7) Ao morro nós íamos apenas pela manhã, porque meu avô tinha que dormir à tarde e meu pai trabalhava. Faz um tempo que nós não vamos ver o colorido espalhando-se pelo céu.

O primeiro aspecto a ser avaliado se refere ao tratamento do tema. Como sabemos, na Olimpíada, o tema a ser desenvolvido é “O lugar onde vivo”, e, no caso das memórias literárias, essa proposta temática pode ser explorada a partir de ângulos diversos. O entrevistado – cuja história de vida embasará o texto do aluno – pode concentrar sua narrativa em um único episódio de seu passado (algo que lhe aconteceu numa festa, ou uma viagem feita, por exemplo) ou narrar vários acontecimentos que foram marcantes em sua trajetória de vida. Ambas as possibilidades são igualmente viáveis e eficazes para traçar um panorama da história e de aspectos culturais da comunidade em que vive.

No texto que estamos avaliando, o entrevistado se põe na posição de “neto” para narrar alguns fatos e situações vivenciados em sua infância, enfatizando na narrativa a importância que tinham, para ele, os



demais membros da família: o avô, que lhe contava histórias; a avó e a mãe, que cozinhavam; o pai, com quem passeava. Pelos olhos desse “neto”, o leitor toma conhecimento do lugar onde vive/viveu uma família e do seu modo de vida. Desse modo, a proposta temática está contemplada no texto avaliado.

Além de atender à proposta temática, podemos observar que a narrativa é repleta de aspectos culturais e históricos da comunidade em que o narrador está inserido. Atente-se, por exemplo, para os detalhes da primeira cena descrita no texto, a do avô contando histórias; para a cena das mulheres na cozinha, preparando as “delícias” para as refeições da família; ou, ainda, para a maneira como é descrita a sapecada de pinhão. Assim, sem dúvida, o texto escrito se constitui em uma oportunidade para que o leitor conheça esses aspectos culturais, que revelam o percurso histórico de certa comunidade.

Quanto à maneira de narrar, claramente o narrador é bem-sucedido em sua intenção de transmitir sentimentos (“*Enquanto meus olhos iluminavam-se pelas histórias de meu avô e pelas chispas de fogo que saíam por alguns pequenos buracos do fogão...*”), impressões (“*quando nos aproximávamos do portão de casa éramos envolvidos pelo aroma da comida preparada carinhosamente*”) e apreciações (“*era lindo ver aquelas asas-deltas enfeitando o céu com seu colorido*”), que seduzem o leitor e tornam a leitura prazerosa.

O autor demonstra habilidade, ainda, na estratégia de fazer, ao longo do texto, referências a objetos, lugares, modos de vida e costumes do passado (*o fogão a lenha, a cuia na mão, o palheiro na boca, o contar histórias, os deliciosos quitutes – as roscas, o doce de leite, o cusuz e o pão batido –, a sapecada de pinhão, o saltar de asa-delta, o tomar chimarrão, a entrega do leite fresco em frente da casa*, entre outras). Essas referências instigam a imaginação do leitor e o conduzem – como numa viagem – a outros tempos e a outras paisagens.

Essa “viagem” é possibilitada, ainda, pelos elementos indicadores de tempo, que se apresentam ao longo do texto: “*quando criança*” (1º parágrafo), “*uma tarde de inverno*” (4º parágrafo), “*tempo pacato e feliz da infância*” (5º parágrafo), “*quase todos os domingos*” (5º parágrafo), entre outros. É interessante perceber como, na conclusão do texto, o narrador retorna para o presente, ao concluir: “*Faz um tempo que nós não vamos ver o colorido espalhando-se pelo céu*”. Operar com esses diferentes planos temporais demonstra criatividade do autor, sendo mais um ponto positivo no texto.

Bastante criativo e original é o título (“*O voo nas asas coloridas da infância*”), que, ao dialogar com uma das lembranças mais marcantes do narrador (“*era lindo ver aquelas asas-deltas enfeitando o céu com seu colorido.*”), configura-se como uma forte marca de autoria.

Há, então, diversos aspectos positivos no texto elaborado. Por outro lado, se visto globalmente, ele carece de melhor organização. Vejamos: o narrador introduz o texto apresentando ao leitor uma cena familiar – o avô à beira do fogão a lenha contando histórias ao neto; na sequência (segundo e terceiro parágrafos), o narrador apresenta ao leitor as personagens femininas e os “deliciosos quitutes” que elas preparavam; no quarto parágrafo, o narrador traz à cena uma sapecada de pinhão; já no quinto parágrafo, as impressões acerca das pessoas saltando de asa-delta – fundamentais para a compreensão do título e da conclusão –, além de serem pouco detalhadas, misturam-se às informações sobre a entrega do leite, de modo que nem a cena do passeio no morro, nem a da entrega do leite ficam muito delineadas na imaginação

do leitor; o sexto parágrafo parece ser um “adendo”, e traz informações que pouco colaboram para o aprofundamento do tema; finalmente, no parágrafo conclusivo, o narrador retoma o que deveria ter sido aprofundado antes, para, então, concluir fazendo a história retornar ao presente. A partir do quinto parágrafo, então, o texto mereceria ser aprimorado, com expansão das impressões sobre as pessoas saltando de asa-delta e sobre os efeitos desse esporte na paisagem local.

A respeito das convenções da escrita, não há muitas observações a fazer. Aqui e ali há trechos que poderiam ser revisados, como, por exemplo:

– a incoerência pontual do trecho sublinhado em: *“Quando criança, sentado à beira do fogão à lenha, adorava a cena de meu avô, de cuia na mão e palheiro na boca, sempre a passear e contar histórias.”*;

– a falta de concordância entre sujeito e predicado, em: *“e ele muitas vezes dizia que seu pai, meu bisavô, eram bons contadores de histórias”*;

– certas escolhas lexicais, nos trechos: *“dos alimentos que elas preparavam para o desjejum, para o almoço, para o café da tarde e, por fim, para a janta.”* / *“Lembro-me de uma tarde de inverno, em que o minuano soprava a fora”* / *“e também porque de domingo a domingo o leiteiro passava e deixava, pela manhã, o leite fresco”*;

– fragilidade nos elos coesivos, como em: *“Eu ia quase todos os domingos ao (...) ver aquelas pessoas saltando de asa-delta”*;

– equívocos no uso do sinal indicativo de crase, como em: *“Às vezes em que eu não ia passear no morro”*;

– ambiguidades geradas pela má organização dos enunciados, como a conexão realizada com pronome relativo, em: *“Eu, meu pai e meu avô, quando nos aproximávamos do portão de casa éramos envolvidos pelo aroma da comida preparada carinhosamente pela minha mãe e minha avó, que saía, pelas janelas e atiçava ainda mais nosso apetite”*.

Por outro lado, o autor demonstra um bom domínio das convenções da escrita e consegue elaborar um texto claro, conciso e emocionante. Gostaria de destacar, por fim, a coragem do autor de reproduzir no texto – ainda que entre aspas – a expressão “desrefeição”, que certamente foi a empregada pelo entrevistado, e cujo sentido pode ser facilmente recuperado pelo contexto em que foi empregada.

Esses são apenas alguns dos múltiplos aspectos que podem ser observados quando da avaliação de um texto do gênero memórias literárias. Meu desejo é que, no contexto da Olimpíada, o olhar dos avaliadores seja guiado por essas balizas, e pela sensibilidade que deve caracterizar todo o trabalho de avaliação de textos, na escola e fora dela.